

O SER E A SERENIDADE EM HERCULANO PIRES

THE BEING AND SERENITY IN HERCULANO PIRES

EDSON SANTOS PIO JÚNIOR^(*)
ROGÉRIO LUIS DA ROCHA SEIXAS^()**



^(*)Graduação em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pelo Centro Universitário da Cidade, em Administração de Empresas pela Universidade Veiga de Almeida e MBA em Gestão de TI, curso Mestrado Acadêmico em Administração no PPGA/Unigranrio, onde atua como pesquisador nas linhas de pesquisa em Organizações, Sociedade e Desenvolvimento. e-mail: edsoncespj@gmail.com



^(**)Possui graduação em Filosofia pela UFRJ. Mestre em Filosofia e Bioética no PPGFIL/UERJ. Doutor em Filosofia Contemporânea pelo PPGF/ UFRJ; pesquisador e docente convidado do Grupo de pesquisa Bildung do IFPR(CNPq) nas áreas de ética, Educação e Cultura Contemporânea. Pesquisador do grupo Afrosin/UFRRJ nas áreas de religião afro, ética e etnia, laicidade, ensino de filosofia.

Resumo

O objetivo principal deste artigo é discutir a temática do Ser e a Serenidade a partir da reflexão existencialista presente na obra *O Ser e a Serenidade* do filósofo brasileiro José Herculano Pires. Para atender esse fim, resgataremos temas essenciais às correntes existencialistas como: *o nada* em Sartre, *a angústia* em Heidegger e *o desespero* em Kierkegaard. Em seguida, desenvolveremos a discussão acerca da essência da serenidade, do conceito de *interexistência*, dos três princípios da trilogia do serenista e da espiral da *ipseidade*, aplicando os seus conceitos, segundo o pensamento *piresniano* a fim de ilustrá-los em mitos cristãos e da antiga Grécia, além de romances da literatura universal, assim como outros exemplos dos quais nos servimos e que serão todos são transpassados pela pedra de toque de *O Ser e a Serenidade*.

Palavras-chaves: Existencialismo, Ser, Serenidade, Herculano Pires, Interexistência.

Abstract

The main objective of this article is to discuss the theme of Being and Serenity from the existentialist reflection present in the work *The Being and Serenity* of the Brazilian philosopher José Herculano Pires. To meet this end, we will rescue themes essential to existentialist currents such as: nothingness in Sartre, anguish in Heidegger, and despair in Kierkegaard. Then we will discuss the essence of serenity, the concept of interexistence, the three principles of the trilogy of the serenist, and the spiral of ipseity, applying their concepts according to the piresnian thought in order to illustrate them in christian myths and ancient Greece, as well as novels of universal literature, as well as other examples of which we serve and which will all be pierced by the touchstone of *The Being and Serenity*.

Keywords: Existentialism, Being, Serenity, Herculano Pires, Interexistence.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir a temática do Ser e a Serenidade a partir da reflexão existencialista presente na obra *O Ser e a Serenidade* de José Herculano Pires. A Serenidade se apresenta enquanto questão filosófica ao longo de toda a tradição e até mesmo podemos encontrá-la em certas narrativas mitológicas e romances da literatura universal em que o Ser a ela aspira mesmo diante de situações consideradas difíceis. Todos os homens a admiram, embora sejam inquietos e nessa inquietude permaneçam acomodados. Raramente a visitamos ou somos visitados por ela e como não a conhecemos intimamente, sua *essência* nos escapa, e muitas vezes somente a compreendemos na capacidade do Ser em permanecer tranquilo em meio às tempestades da vida (PIRES, 2008, p. 7).

Segundo a filosofia existencialista do filósofo brasileiro José Herculano Pires, a serenidade verte sobre o homem, ela está na natureza e por toda a parte. Só que o Ser mergulhado em seus conflitos existenciais e preocupado com as coisas mundanas a deixa escapar, porque fechado em seu egocentrismo não consegue percebê-la. A serenidade humana serpeia docemente aos nossos pés, ela está no passar de um córrego, no reflexo dos nossos olhos, na tranquilidade de um lago e constantemente nos convida a ser notada. Sobre ela, medita o filósofo: “Serena é a vida, quando feliz. Serenas correm as nuvens, na transparência azul do céu, Serenas são as flores, e serena é a brisa que as embala e carrega os seus aromas. Sereno é o ar, nas manhãs de primavera, e serenas as estrelas, nas noites de inverno” (PIRES, 2008, p. 23).

Natural de Avaré, município de São Paulo, Herculano Pires sempre foi tido por seus familiares como sendo um homem Sereno (PIRES, 2008, p.7). Certo dia, perguntando a si mesmo o motivo de não sermos todos serenos e muitas vezes inquietos, lembrou-se das palavras de Jesus: “*A minha paz vos dou, mas não vo-la dou como a paz do mundo*”, resolvendo a partir daí descobrir o segredo da serenidade (PIRES, 2008, p.24). Foi assim, que estabeleceu para o seu Ser na existência o princípio da trilogia do serenista: “procure a perfeição, nunca te deixes abater e eleve-te sempre as circunstâncias” (PIRES, 2008, p.27).

Mas como é o Ser Sereno no mundo? Sendo esta nossa pergunta de partida, a busca por sua resposta nos convida a investigar a temática ontológica existencialista apresentada em sua obra. No entanto, não sendo possível discutir isoladamente a temática da serenidade sem abordar o Ser, também o faremos preservando a temática da serenidade como foco principal. Objetivando esse fim, no decorrer do artigo resgataremos temas essenciais às correntes existencialistas, confrontando-as com a proposta do Existencialismo Espírita de Herculano. Em seguida discutiremos a essência da serenidade, o conceito de *interexistência*, os três princípios da trilogia do serenista e a espiral da *ipseidade*. Aplicaremos conceitos segundo o pensamento piresniano para ilustrar a temática da serenidade em mitos do cristianismo e da antiga Grécia, além de romances da literatura universal, assim como alguns outros exemplos dos quais nos servimos e que serão transpassados pela pedra de toque do *Ser e a serenidade*.

1 O EXISTENCIALISMO E A INTEREXISTÊNCIA

A Filosofia Existencial em geral, considera que o Ser é como um embrião alçado à existência para assim desenvolver suas potencialidades, demarcando a distinção entre Vida e Existência. Todos os seres vivem, porém só o ser humano existe, porque existe enquanto consciente de si mesmo. O homem é o único existente. O Existencialismo Espírita de Pires ou a natureza existencialista da Filosofia Espírita, revela-se segundo o autor, no que se refere a sua “posição dentro do mundo, enfrentando os problemas do homem na existência” (PIRES,2015, p.91).

Segundo a vertente existencialista espírita, antes de ser o homem é um vir-a-ser. Um algo misterioso fechado em si mesmo. Essa algo se projeta na existência e se abre na relação, encontrando nesta os elementos que o despertam e o transformam no Ser que poderá ser. Partindo desta concepção, destaque-se que o “Espiritismo não pode ser confundido com o Existencialismo, mas não há dúvida que encontramos na sua investigação ontológica uma fase existencialista” (PIRES,2015, p.91). Mas em que termos de ontologia? Em termo análogo à ontologia fundamental de Martin Heidegger, comprometida com a “questão do Ser-aí”. Essa ontologia objetiva investigar um domínio que não se apresenta como tema para a ontologia tradicional, que na perspectiva heideggeriana, “esqueceu a questão do Ser”. Seu ponto principal se

concentra no domínio que permanece oculto nessa questão: “o que há aí?” (Dreyfus & Wrathall, 2012, p. 159).

O que se encontra oculto neste “O que há aí?” Um Ser cuja real essência e constituição permanece desconhecida pela tradição filosófica, motivo que permite ao filósofo asseverar que a tradição filosófica é espiritualista e que “as grandes questões da filosofia são metafísicas e não físicas” (PIRES, 2009, p.237). Herculano ressalta que a questão do Ser, apresenta-se como fundamental desde a tradição da História da Filosofia, até a contemporaneidade. Na reflexão piresniana o tema do Ser é tratado como “o elo que mantém o pensamento religioso com o filosófico” (PIRES, 2015, p.69). Aparentemente, este autor percebeu este elo, presente no questionamento heideggeriano, referente ao “o que há aí?”, que podemos compreender também como uma alternativa para retirar o Ser da *nadificação* sartreana que o fecha para qualquer perspectiva onto-teológica. Sendo assim, denomina-se como *Existencialismo Espírita* a “Filosofia Espírita da Existência, à parte dessa Filosofia que encara o homem no mundo, da mesma maneira que o *ser aí*, a que se referia Heidegger” (PIRES, 2015, p.95). Pires acrescenta ainda que:

Os problemas comuns das Filosofias da Existência são os problemas espirituais: o Homem como ser no mundo; a Existência como uma forma peculiar da vivência humana, e um constante refazer-se no tempo; o ser humano como projeto que atravessa a Existência, que nela aparece como facticidade humana se constituindo de subjetividade, afetividade e liberdade, de maneira que o homem é um ser atirado ao mundo com o nascimento, para avançar em direção à morte, através do desespero, da angústia, da dor (PIRES, 2015, p. 96).

Surge então a seguinte questão: Qual seria essa Filosofia da existência da qual o *Existencialismo Espírita*, visa se apartar? Destaque-se que o existencialismo Sartreano profundamente ateu e antimetafísico, não contém noção alguma de vida depois da morte, se propondo somente a analisar o humano a partir de sua inserção na existência, de modo que este não é um sujeito que se relaciona com o objeto, ou seja, o mundo em que ambos são estáticos e fechados em si mesmos. Assim é que o existente se relaciona com o mundo numa relação movente e de mútua significação. A condição humana em Sartre propõe que: “a existência precede a essência” (SARTRE, 2012, p.25), ou seja, primeiro o humano insere-se no mundo para depois constituir sua essência, aquilo que ele é na própria existência. Por sua vez esta essência se encontra inacabada, porém em

constante *autoconstituição*. Tal reflexão configura uma relação dinâmica do humano com o mundo, levando em conta que cada ato traz uma responsabilidade individual perante si e diante de toda a humanidade. Tamanho peso gera a angústia existencial que Sartre retira de Heidegger, acabando por transformá-la em náusea, que conforme Herculano, expressa-se enquanto uma repugnância generalizada. Tal expressão pode ser interpretada como a formulação de “uma estranha e ao mesmo tempo curiosa dialética da viscosidade” (PIRES, 2010, p.414). Mas o que seria essa curiosa dialética um tanto viscosa? Refere-se ao peso da angústia existencial que Sartre herda concebe e que segundo a concepção de Herculano, apresenta-se “carregada de náusea, e portanto de repugnância” (PIRES, 2008, p.37).

Em Heidegger, a noção de angústia, é descrita na qualidade de traço existencial essencialmente humano ou do *Dasein*. Condição restrita ao homem e não experimentada pelos animais. Deste modo, somente o homem existe e por consequência, se encontra capaz de compreender o Ser. O espírito é, mas não existe. A pedra é, mas também não existe. Atente-se para o fato de que a angústia aqui não se remete a um fenômeno psicológico ou ôntico, referindo-se somente a algo dado a um ente, sendo esta a sua dimensão ontológica, pois nos coloca como o Ser no mundo em sua totalidade da existência. “A pedra é sem-mundo; o animal é pobre de mundo; o homem é formador de mundo” (HEIDEGGER, 2006, p.206).

Se até o momento não discutimos mais profundamente a serenidade no existencialismo de Sartre e Heidegger, foi pelo motivo de não a encontramos *no nada e na angústia*. Não devemos esquecer no entanto, do *desespero* de Kierkegaard, mas destacamos que este só ocorreu no domínio da religião segundo esclarece Herculano: “O *desespero* de Kierkegaard desenvolveu-se na hipóstase da religião, onde a lei dominante é a endopatia e por isso mesmo resolveu-se em conversão” (PIRES, 2008, p.37) Observemos que nesse ponto o *desespero* no existencialismo de Kierkegaardiano possui algo de semelhante com a *angústia* Heideggeriana, pois ambos apresentam um cunho existencial predominantemente humano.

O existencialismo de Kierkegaard admite porém, mesmo com o “desespero”, um instante de transcendência, ou se podemos dizer, de elevação para a serenidade. A isto, refere-se Herculano como sendo a categoria existencial do *instante kierkegaardiano*,

que é: “o encontro do tempo com a eternidade, em que a vida supera a si mesma e o espírito atinge a suprema felicidade” (PIRES, 2008, p.41). Porém, esclareçamos que o *instante* sereno acontece rapidamente, de forma muito fugidia. Em tal situação não existe a possibilidade concreta de o possuímos, já que num piscar de olhos nos escapa.

A análise realizada a partir da ontologia fundamental heideggeriana, nos demonstra que muitas vezes não sabemos diante do que nos angustiamos. A angústia começa a se apresentar no dia a dia, enquanto realizamos nossas tarefas e delas sobrevém certo tédio. Interessante observar que quando ficamos fartos dos entes que nos cercam e não encontramos em nenhum desses entes o apoio para nos tirar desse tédio, ao contrário de buscarmos alguma forma de distanciamento, acreditamos mesmo que devemos procurar sempre mais contato com os entes e as coisas do mundo, a fim de nos ocupar, em vez de nos preocupar, saindo dessa estranha indiferença na qual somos jogados no mundo. Tal condição nos faz experimentar mais e mais angústia. Em *Que é metafísica?* Heidegger afirma: “Por esta angústia não entendemos a assaz frequente ansiedade que, em última análise, pertence aos fenômenos do temor que com tanta facilidade se mostram” (HEIDEGGER, 1989b, p.39). E em *Ser e Tempo* afirma:

O porquê a angústia se angustia não é um modo determinado do Ser e uma possibilidade do ser aí. A ameaça é ela mesma indeterminada, não chegando, portanto, a penetrar como ameaça neste ou naquele poder ser concreto e de fato. A angústia se angustia pelo próprio ser-no-mundo (...). o mundo não é mais capaz de oferecer alguma coisa nem sequer a co-presença dos outros. A angústia retira, pois, do ser aí a possibilidade de, na decadência, compreender a si mesmo a partir do mundo e na interpretação pública” (HEIDEGGER, 1989a, p.187).

Sendo assim, é na última instância que o *ser aí* se angustia pelo simples fato de estar no mundo. A existência enquanto tal é angustiante, de modo que nesta disposição anímica fundamental todo o mundo se torna para nós sem relevância, pois não encontramos a serenidade em nenhum ente, levando o homem a um modo de ser de inquietude. O autor destaca ainda que por meio da angústia o *Dasein* pode ultrapassar o impessoal e rumar para a autenticidade. Segundo Heidegger: “a angústia revela o ser para o poder ser mais próprio, ou seja, livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo” (HEIDEGGER, 1989a, p. 252).

O traço constitutivo da existência do *Dasein*, no qual reside a totalidade do Ser da existência do homem, consoante a análise de Heidegger e que define a essência do ser humano, se encontra no conceito de angústia, enquanto disposição compreensiva que oferece o solo fenomenológico hermenêutico para a apreensão explícita da totalidade originária do *Dasein*.

Por sua vez, a náusea sartreana, toma o *Homem* como o ponto de partida do mundo, da existência, do todo, mas não lhe dá nenhuma consistência, acarretando na retirada do Ser do nada ou de uma falha do nada. Na visão de Sartre: “para que haja negação e por conseguinte, possamos interrogar sobre o Ser, é necessário que o nada se dê de alguma maneira” (SARTRE,1997, p.64). Observemos que esta explicação sartreana, na percepção de Herculano, afigura-se como de difícil compreensão, residindo neste ponto, a curiosa dialética da viscosidade em Sartre, discutida anteriormente. Sobre essa questão a visão piresniana a respeito de Sartre, é que este último representa a atualidade, ou seja: “é uma síntese dos conflitos universais do pensamento” (PIRES, 2010, p.415).

A questão do nada em Heidegger é formulada da seguinte maneira: “Por que há simplesmente o ente e não antes o nada?” (Heidegger, 1989a, p. 33-34). De modo bastante distinto, Heidegger não apresenta o peso da negatividade do nada, presente em Sartre. Acrescentamos também que o pensador francês criticará Heidegger por sua concepção de nada extramundano e localizado na transcendência (Sartre, 1997, p. 61).

Com relação a morte, em Sartre, esta converte-se na inutilidade do Ser e na sua absurdidade, ou em outros termos, ela representa o fim do Ser que a busca para adquirir consistência e que nela só encontra o *nada*, sendo este *o nada absoluto*. Ao chegar à morte o homem elaborou sua essência na existência, não subsistindo porque a morte é o desaparecimento do homem. Para Herculano essa concepção é uma frustração, pois carece de qualquer *bem-aventurança* possível, pois o que existe e espera o homem após sua existência é apenas o *fracasso* e a *frustração*, já que este *nada absoluto* é insuficiente para responder ao ser vivo do homem (PIRES, 2010, p.414).

Vislumbra-se que em Heidegger cada instante da existência do *Dasein* é afetado pela condição existencial da morte. Há uma temporalidade que marca o fim de seu *estar-aí* existencial no mundo. “Com a morte a pre-sença completou o seu curso”

(HEIDEGGER, 1989a, p.25). Demonstra-se que o *ser-aí* é essencialmente finito e que tal condição oportuniza ao homem escolher entre encará-la ou enquanto essencialmente livre, tomar a postura da indiferença diante do inevitável, isto é, do fim definitivo.

O pensador alemão ainda observa que a vivência no inautêntico e no cotidiano, devido ao medo de que tem o *Dasein* em pensar a sua condição existencial finita, deriva assim a angústia, que o conduz a um envolvimento com as coisas e objetos do mundo, com os instrumentos corriqueiros, evitando ou tentando evitar um confronto consciente com seu destino existencial próprio: a morte. A autenticidade para Heidegger é primariamente, o ser-para-a-morte. O filósofo argumenta que a “morte é a possibilidade mais própria do *Dasein*” (HEIDEGGER, 1989a, p.307). Nesta argumentação, demonstra-se que somente quando uma pessoa reconhece totalmente a necessidade da morte, e passa a agir de acordo com esta percepção, é que realmente começa a existir e viver por si mesma, livre das coisas do mundo e do seu cotidiano, assumindo a responsabilidade por sua morte e pela escolha de como viver. O Ser se desenvolve na existência e se completa na morte que é sua realização. Herculano percebe um pessimismo nesta posição heideggeriana, mas que se atenua pela sua afirmação de que o Ser se completa na morte (PIRES, 2015, p.97). Além disso, o pensador brasileiro reconhece em Heidegger um vestígio da noção de interexistência que reflete a situação da essência que não se encontra na existência, mas sim como o intermúndio em que o Ser se encontra na morte.

Quanto a serenidade, Heidegger afirma que é onde se é capaz de aguardar. Esta natureza de aguardar não se identifica como uma mera atitude passiva ou voluntariosa de um “esperar por”, que segundo o filósofo, estaria implicada com um subjetivismo, um querer ou uma expectativa. Para o autor é o sentido de um “esperar em”. Descreve-se assim um sereno aguardar pelo pensamento, por aquilo que é dado, o que se abre enquanto uma dádiva. Aguardar neste caso, apresenta o sentido positivo de uma condição de existir no abandonar-se do *Dasein*. Permanecer serenamente receptivo ao que vem a nós no movimento do mundo. A serenidade se constitui como *essenciação* de um deixar que os fenômenos apareçam e encontra-se em meio à concentração da atenção que acompanha tal movimento. Trata-se de uma virtude fenomenológica. (HEIDEGGER, 2013, p. 309-310)

Por sua vez, Herculano Pires argumenta que a serenidade não pode ser o existir, mas sim possivelmente o Ser, pois o homem apresenta uma essência, e por consequência algo que manifesta uma entidade, revelando à sua maneira um provável Ser, assemelhando-se à tese aristotélica que diz que “o Ser é aquilo que é”. Desse modo, observa também que então seria o Ser, não *enquanto Ser*, mas *como Ser*, expressando uma aparente indiferença e alheamento da terceira pessoa: *é* (PIRES, 2008, p.26). Herculano argumenta que este “é” pode ser tanto o *ele* ou o *eu*. Formulando esta tese, o filósofo quer demonstrar que este Ser do homem é ao mesmo tempo unidade e desdobramento, mas principalmente desdobramento voltado para a unidade. Sendo assim, recusa-se qualquer tipo de fragmentação da unidade do Ser e também como multiplicidade existencial. Herculano propõe considerá-lo no “processo interexistencial” (PIRES, 2008, p. 22).

A questão do existencialismo e da serenidade em Herculano Pires apoia-se exatamente no conceito de *interexistência*, para tratar da problemática existencial ontológica. O termo foi criado pelo próprio filósofo com a finalidade de adequá-lo à sua investigação (PIRES, 2008, p.21). Mas do que resulta o *Ser interexistente*? Da sintetização do pensamento espírita com o existencialismo e que corresponde a multiplicidade existencial própria dessa vertente religiosa. Entretanto, a questão da multiplicidade não importa nessa discussão e sim a compreensão do conceito de *interexistente*. Estando isso bem compreendido, podemos então nos perguntar: O que é o ser *interexistente*? É o Ser que transcende a simples projeção na existência ao romper os limites do nascimento e da morte.

Retomemos agora a discussão sobre “o que há aí?” no domínio oculto que tanto estimulou Heidegger. Se pela tradição filosófica ainda não nos é possível decifrar o que há no domínio oculto do Ser, resta-nos discuti-lo com o que já possuímos ou até mesmo considerá-lo no processo de *interexistência* proposto por Herculano. Em *O Ser e a Serenidade*, o filósofo brasileiro destaca que “basta ao homem acender uma pequena luz nas trevas, para que a escuridão se dissipe e o contorno das coisas se mostre por si mesmo” (PIRES, 2008, p.14). A partir desta reflexão, podemos apresentar uma situação que nos permitirá discutir a questão do “O que há aí?” Partindo das reflexões da escritora polonesa *Larisa Reisner* ao comentar os tomentos e inquietações da Revolução Russa de 1917, consideremos a seguinte citação:

Como explicar tudo isso? Como suportar tudo isso, se a alma daqueles homens não estivesse animada por um impulso imenso e sobre-humano? Por força que se tem de inventar palavras superponíveis à inevitável, à inata covardia da carne, e desta fina pele humana, que qualquer agulha enferrujada pode atravessar sem o menor esforço (LARISSA, R. Ver. PIRES, 2008, p.15).

Novamente, nos permitimos a pergunta: O que há aí? Encontramos aí, o oposto da serenidade, que é a inquietação, o defrontamento do Ser perante uma situação extrema de dificuldade, angústia e desespero em um momento conturbado da História humana. É a pequena luz que não se acendeu para que o contorno das coisas se revelassem, conforme observamos anteriormente. É por isso que a angústia aparece em Heidegger com um traço existencial essencialmente humano. Quando Larissa se questiona como pode suportar tudo isso, o faz porque o *Ser aí no mundo* encontra-se angustiado, não existindo nela a serenidade, estando o seu Ser mergulhado na escuridão da existência sem uma pequena luz para dissipá-la.

Em resumo, na discussão sobre o *Existencialismo e a Interexistência*, encontramos refletido neste exemplo de Larissa Reissner, a posição existencialista de Herculano de que: “Só a pesquisa do Ser, no plano filosófico, a descoberta do sentido de nossa existência, implícito na natureza do Ser, poderá tratar desta questão” (PIRES, 2008, p.19). É assim que, a pesquisa a partir da proposta do Existencialismo Interexistencial, se contrapondo ao materialismo, ateísmo e positivismo, oferece novo campo de investigação para aqueles que desejam reconduzir o existencialismo às suas perspectivas espirituais, inserindo a serenidade como problemática ontológica-existencial.

2 O SER E A BUSCA PELA SERENIDADE

Desde os tempos mitológicos o homem busca a serenidade. Se Perseu não a enxergasse em seu escudo não conseguiria obter êxito contra a Medusa. Mas estaria a essência da serenidade encerrada em uma coisa? O que realmente nos importa ao recordar o feito mítico do herói é que para realizá-lo, precisou buscá-la e encontrá-la em sua essência. Mas em nossa atual realidade, onde já não se admite a existência de

górgonas ou outros seres mitológicos, como pode o Ser buscar a serenidade? As exigências do mundo contemporâneo lançam inconscientemente o Ser nessa busca e raros são aqueles que de fato a encontram ou muito ocasionalmente, dela se aproximam. No máximo a entrevemos, mas a deixamos escapar entre os dedos, pois a procuramos nas coisas do mundo.

A serenidade não se identifica com a essência das coisas conforme observamos no feito mítico de Perseu, muito pelo contrário, ela está e se identifica com si mesma, não se constituindo como algo meramente hipotético, mas profundamente real e captável, sendo seu principal dilema e desafio, o fato de a desconhecermos, ou como observa Herculano, talvez o nosso entendimento a atinja apenas como uma “forma de equilíbrio” (PIRES, 2008, p.29).

Todavia, atentemos para o fato de que o equilíbrio não é a essência da serenidade em si. Segundo Herculano: “há equilíbrio na agitação, na violência e na própria inquietação das criaturas normalmente chamadas de desequilibradas” (PIRES, 2008, p.30). Destaque-se também que: “há mais serenidade no homem que defende com entusiasmo e calor os seus princípios, do que no indivíduo falacioso, que procura serenamente as suas evasivas” (PIRES, 2008, p.30). Em outras palavras, observemos nesse exemplo que é possível localizar mais serenidade no Ser, que mesmo em sua inquietude e agitação, defende seus valores e princípios, do que aquele que aparentemente sereno os deixa escapar por subterfúgios.

Herculano Pires escolhe usar o termo *forma de equilíbrio* para caracterizar de maneira mais adequada “o significado da essência da serenidade das coisas” (PIRES, 2008, p. 30). Para ele, a serenidade aproxima-se de uma forma de equilíbrio e não o equilíbrio em si. Até mesmo a tempestade é serena em sua fúria, pois o aparente tormento e a violência das ondas marítimas que dela decorre, possui sua *forma de equilíbrio* para ajustar as condições do tempo. Citando Herculano: “A vida serena não é, pois, a serenidade plena, mas um constante equilíbrio entre serenidade e inquietude, às vezes mesclada pela angústia do equívoco” (PIRES,2008, p.139).

Identificamos portanto a dificuldade em se definir a serenidade, contudo ressaltamos que isso não impede o Ser de buscá-la e este simples fato também não impediu o autor de tratá-la como questão filosófica da existência, visto que com ou sem

definição exata, o Ser tem a liberdade de persegui-la na existência. Em *O Ser e a Serenidade*, o autor reconhece que o melhor termo para indicar a *essência* da serenidade seria a “perfeição”. Aqui temos um ponto importante a ser destacado, visto que para Herculano o primeiro *princípio do serenista*, ou em outras palavras, do Ser que procura aproximar-se da serenidade, é o de se lançar na *busca pela perfeição* (PIRES, 2008, p.30).

Podemos entender essa busca como uma constante em nossa existência, pois quem na Terra pode-se dizer perfeitamente sereno ou mesmo equilibrado? Curiosa seria a resposta se alguém assim se afirmasse, pois sua busca já estaria completa, onde nesse caso o Ser já encontrar-se-ia mergulhado em sua essência. Ressalte-se que mesmo não possuindo a perfeita serenidade na existência, tal limitação não nos impede de buscá-la, pois segundo Herculano: “a busca da perfeição é a primeira condição de uma verdadeira aproximação à serenidade. Se assim é, torna-se evidente a relação estreita e constante entre ambas” (PIRES, 2008, p.30). Conforme já visto anteriormente, a serenidade se aproxima de uma *forma de equilíbrio*, caracterizando um modo mais concreto de se asserenar. Contudo, somente a *busca da perfeição* enquanto atuação no mundo, permitirá que o Ser se aproxime dela.

Continuando essa discussão, podemos nos perguntar: Mas como realizar esta conciliação entre perfeição e equilíbrio de forma concreta, de forma prática? Para responder a isso nos serviremos de um relato apresentado pelo pensador brasileiro, em que sobre uma narrativa que se passou com *Annie Wood Beasant*, uma teósofa e ativista pelos direitos das mulheres no Reino Unido do século XIX. Na história em questão, *Beasant* trabalhava como secretária para *Helena Blavatsky*, uma prolífica escritora russa e fundadora da Teosofia moderna. Certo dia, perguntando a sua patroa o que deveria fazer para alcançar a perfeição espiritual, recebeu a seguinte resposta dela: “Cole direito os seus selos”. Foi somente após a resposta que *Beasant* acabou se dando conta da maneira tumultuada pela qual fazia o selamento das cartas. Mas qual a relação deste fato com a conciliação entre perfeição e o equilíbrio? Embora aparente ser uma situação desconexa com o tema, Herculano esclarece que a tarefa realizada por *Beasant* de forma tumultuada assemelha-se à inquietude que a afasta da serenidade. Ao passo que quando ela toma consciência disso, passa a selar as cartas com toda a perfeição possível (PIRES, 2008, p. 31). Ilustrado neste conto, temos o princípio do serenista, que é o do

Ser tenta aproximar-se da serenidade, procurando sempre a perfeição. Percebemos também a conciliação entre perfeição e equilíbrio de forma concreta, ou seja, um exemplo prático que conforme afirma o autor: “Da perfeição das minúcias passamos à perfeição das estruturas e dos comportamentos. Da perfeição de pequenas tarefas, à perfeição de um grande trabalho” (PIRES, 2008, p. 31).

Observamos que quanto mais próximo da serenidade, do equilíbrio e da perfeição das coisas, o Ser do homem pode também asserenar-se espiritual. Na narrativa apresentada anteriormente, o desejo principal de *Beasant* era alcançar a perfeição espiritual. Entretanto, depreende-se dele dois fatores importantes. São eles: *a intenção e o esforço consciente*. O relato demonstra que *Beasant* atendeu a essas duas exigências, pois seu Ser tinha a intenção de buscar a perfeição, o que pode ser verificado na pergunta feita a patroa, ao passo que após a resposta, percebeu o esforço que precisaria ser realizado, indo direto ao concreto, ao prático, não permanecendo somente no âmbito da aproximação serena, e que vai ao encontro do que alerta Herculano: “é preciso a intenção, inconsciente e consciente, e o esforço consciente, para não ficarmos apenas na aproximação”(PIRES, 2008, p. 31).

Este desejo de serenidade surge em primeiro plano como inconsciente. Mas se este é muito intenso, ocorre um despertar intencional e um crescimento afetivo, acarretando em uma conscientização de aceitação e revalidação deste desejo, o que de acordo com Herculano, “estabelece a harmonia de conjunto do psiquismo do Ser do homem” (PIRES, 2008, p. 31). Qual é a consequência deste processo? A conscientização equilibrada pela busca da serenidade, sendo este o seu primeiro passo fundamental. No entanto, ressaltamos que “quando apenas aplaudimos o desejo, mas não o aceitamos nem o revalidamos na consciência, continuamos na situação de conflito íntimo que determina a inquietação humana” (PIRES, 2008, p. 31). Todavia, a inquietação para os homens inquietos é bastante fecunda, pois os retira de modo ilusório do marasmo existencial no qual se encontram, acomodando-se no desejo desta inquietação estéril pela falsa serenidade. Existe um término para essa inquietude e como adverte Herculano: “A inquietação desencadeia no psiquismo em conflito a tempestade emocional que terá por fim a bonança” (PIRES, 2008, p. 31).

A fim de melhor compreendermos a questão do desejo de serenidade e a inquietação que afasta-a do Ser, recorramos mais uma vez ao relato sobre *Annie Besant*. Se ela não tivesse desejado *buscar a perfeição* e aproveitado o ensinamento para selagem correta dos selos, se encontraria inquieta na busca por novas formas de selagem, mantendo-se indiferente ao ensino e experienciando essa inquietação estéril que a estagnaria na busca pela serenidade. Da mesma forma, retomemos o exemplo de Perseu, se o herói não desejasse a *busca da perfeição* não teria tido êxito em seu feito, pois se encontraria inquieto e afastado da serenidade, não aproveitando a oportunidade de cortar a cabeça da górgona. Se tal fato ocorresse com o filho do Deus do Olimpo, sua inquietação estaria immortalizada na forma de estátua no jardim da Medusa.

Existem modos de busca pela serenidade que não são autênticos. Não são poucos os que criam artifícios para parecerem serenos, tornando-se um modo de Ser inautêntico da serenidade. São aqueles que levam a existência sem tirar a máscara, bastando o menor tropeço para que esta caia do rosto e sua serenidade junto com ela. Sobre esses embustes, Herculano afirma que podem ser facilmente desmascarados: “basta que lhes derrubemos as máscaras através da menor contrariedade para que a sua agitação e seu descontrole se revelem” (PIRES, 2008, p. 32).

Herculano postula que a potencialidade de se atingir a serenidade é inata no Ser do homem e por esta razão, não pode ser buscada ou atingida por meios inautênticos. Para ele: “ela nasce em nós mesmos, e o que temos de fazer, no tocante ao exterior, é a sua projeção ao encontro da serenidade das coisas” (PIRES, 2008, p. 33). Essa é uma busca autêntica, sem a criação de artifícios e que quando trilhada, o Ser descobre por si mesmo que: “o segredo da serenidade está em sua espontaneidade” (PIRES, 2008, p. 33). É somente por essa via que o Ser em sua busca alinha-se inteiramente com primeiro princípio do serenista: *a busca pela perfeição*.

É assim, que concluímos essa discussão da busca do Ser pela serenidade. Ao observá-la no feito heroico de Perseu e na disposição de *Annie Besant* para buscá-la, objetivamos discernir a verdadeira serenidade daquelas que possam levar a sua falsa compreensão. Observamos também que na busca da perfeição a serenidade não se identifica com a essência das coisas, mas como ela mesma e que a *forma de equilíbrio* é apenas uma maneira de compreendê-la. Por fim, que sua busca espontânea pode ser o

caminho que o Ser deseja trilhar na existência, afastando-o cada vez mais da inquietude e por conseguinte de qualquer possibilidade de queda em sua existência.

3 O SER E A QUEDA DA SERENIDADE

A queda é uma temática recorrente no mito cristão, pois traz em seu bojo a essência do pecado original do homem, que marca sua natureza ou seu modo de ser no mundo. Adão e Eva pecaram, tendo ambos se precipitado no abismo da inquietude e por consequência, para longe da serenidade do paraíso. Também podemos encontrá-la no episódio da rebelião dos anjos na morada celeste, de onde o próprio arcanjo perfeito de Deus decaiu dos céus para fundar na Terra um reino de inquietude e misérias, contrário a qualquer possibilidade de serenidade. Os dois mitos cristãos nos mostram que a serenidade humana em algum momento existiu, mas ela escapou por culpa de seus personagens. Foi a partir daí que o projeto divino do ser humano no paraíso, envolto pela serenidade, teve com a expulsão do arcanjo “imperfeito”, a marca no Ser do homem enquanto profunda inquietude, passando a buscar incessantemente um modo de estar no mundo, visando suprir suas necessidades existenciais.

No mito de Adão e Eva, se admitíssemos por um momento a possibilidade de que ambos existiram e a queda da serenidade ocorreu com eles, seria caracterizado como o primeiro caso na história humana, em que o pecado estigmatizaria a natureza ôntica do Ser, que abrange a própria natureza humana. Para *Kierkegaard*, seria essa a consequência do pecado herdado, ou a presença do pecado herdado no indivíduo da figura adâmica, enquanto a expressão da angústia diante da lei que o proibia de pecar, o tornando inquieto (KIERKEGAARD, 1980, p.52).

Para Herculano, a queda é uma constante na natureza, quer falemos da *natureza naturante* que é o poder criador de todas as coisas ou da *natureza naturata* que representa o mundo criado. O plano propriamente humano, ou seja, aquele que representa sua natureza, localiza-se entre esses dois pontos, onde encontra-se a natureza ôntica em que reside a natureza do Ser do homem. (PIRES, 2008, p.35)

Ao recordar a filosofia de Plotino, Herculano Pires explica que na época dos céasares, este filósofo da antiguidade já compreendia a queda da serenidade como um

processo de dupla possibilidade, em que após a queda seria possível o homem ascender novamente a um estado superior. Para Plotino: “a queda é a processão, e a processão possui o seu reverso que é a conversão. Pela conversão, a alma que precede do Uno pode voltar a Ele” (PIRES, 2008, p.35). Mas de onde surgiria esta possibilidade de ascensão pela conversão? Certamente que não do mero acaso, Plotino enxergaria esse processo na própria natureza, o que levou Herculano a afirmar que: “há, pois, duas contantes naturais: a queda e a ascensão” (PIRES, 2008, p.35).

O uso das teses de Plotino se justifica pelo fato de que a ontologia espírita não aceita a essência de seres condenados eternamente pelo mal ou pelo pecado. Coloca-se em separado, o *mal* do *pecado*, pois para essa ontologia o *pecado* não se apresenta como um mal na acepção da palavra e sim “um erro” que pode e deve ser corrigido. Nesse sentido, existe sempre a possibilidade de *ascensão* após a *queda*, que podem ser entendidas como duas constantes naturais e opostas. Num dado momento existe a queda do Ser e lhe escapa toda sua serenidade, em outro momento, a ascensão poderia ser permitida por via reversa, o que reconduziria o Ser a serenidade.

A vertente ontológica espírita também defende que: “há uma espécie de seres que não figura na ontologia espírita: a dos seres condenados para sempre e voltados para o mal”(PIRES, 2015, p.88). Em outras palavras, para ela não existe a queda absoluta do Ser que o deixaria impossibilitado de asserenar-se novamente, encontrando-se o mesmo já abatido. O Ser na ontologia espírita representa um espírito encarnado e portanto existente. A condenação eterna através da queda encontrada em alguns mitos cristãos não pode ser admitida por ela, pois a mesma se demonstra inviável do ponto de vista de não haver nova possibilidade de ascensão.

É através dessa construção ontológica que Herculano Pires busca justificar o segundo princípio da sua trilogia do serenista, o “nunca te deixes abater”. Segundo ele, “se deixar abater é fechar a válvula da espiral da ipseidade, é permanecer no indivíduo como indivíduo, ou seja, no torvelinho da precipitação humana, no éctipo” (PIRES, 2008, p.36).

Para ilustrar a máxima de nunca se deixar abater e aproximar a queda da ascensão podemos citar um exemplo destacado pelo próprio autor que encontra nas figuras de Sócrates e Jesus essa ilustração e referindo-se a eles esclarece: “Sócrates

tomando a cicuta, transformou a queda em ascensão. Jesus Crucificado converteu-se em ressurreição” (PIRES, 2008, p.36). O que temos aqui? Dois exemplos inscritos na história humana em que a queda era iminente, porém nem Jesus e nem Sócrates encontravam-se no *éctipo* da espiral da *ipesidade* onde permanece o homem inquieto ou desesperado, então mesmo frente a queda eles não podiam se deixar abater.

O homem inquieto ou desesperado é o Ser que se encontra preso no torvelinho do *éctipo*, afundado no centro do redemoinho. Seria a queda no fundo da espiral uma condição permanente de danação ou perdição? Para responder tal pergunta recorreremos a Herculano, que ressalta que em Kierkegaard a queda era o pecado, mas não como condição de danação ou perdição e sim como ascensão ou salvação, levando-o ao encontro com Deus (PIRES, 2008, p. 36).

Voltemos ao mito adâmico para melhor entendermos essa questão da queda como pecado em Kierkegaard, isto é, a consequência deste pecado e sua mancha hereditária com a qual a humanidade nasce. De acordo com filósofo dinamarquês, a proibição de comer os frutos da árvore do jardim do Éden despertou neles a possibilidade de liberdade. O Ser de ambos estava angustiado, mas, em contrapartida, havia a possibilidade angustiosa de poder, o que os levou a desobedecer a lei e pecar (KIERKEGAARD, 1980, p. 53). O que temos no exemplo do casal do Éden? A imagem do Ser inquieto e desesperado, preso ao *éctipo* e que no mito permanecem para sempre danados e perdidos ao serem expulsos do jardim celestial.

Por sua vez em Sartre, a angústia e o desespero difere da que observamos em Kierkegaard que a mostra como uma possível liberdade ascensional. O desespero e angústia sartreanos estão carregados de náusea e repugnância, visto que desenvolveram-se na hipótese do ceticismo, o que corresponde ao *éctipo* do Ser, aparecendo como simples frustração (PIRES, 2008, p.36). Segundo a interpretação piresniana: “Sartre não encontra a *ipseidade*, mas a toma apenas por individualidade, essa paixão inútil, com a qual pretende definir o homem” (PIRES, 2008, p. 36).

Tomemos agora um exemplo concreto da queda em que a ascensão do Ser não é uma impossibilidade presa ao *éctipo* como no mito adâmico. Em *O Ser e a Serenidade* encontramos o caso ocorrido com o personagem príncipe André do romance *Guerra e Paz*, escrito e publicado em 1865 pelo escritor russo *Liev Tolstói*. O príncipe André

tinha tudo para ser feliz mas não conseguia tornar-se um homem sereno devido à sua constante inquietação interior. Somente quando tombou ferido de morte na *Batalha de Austerlitz*. Ao encontra-se deitado ao chão, mortalmente ferido, enxergou o azul do céu e pela primeira vez em sua existência sentiu a serenidade envolvê-lo (PIRES, 2008, p.8). O que podemos perceber nesse exemplo vivido pelo personagem criado por *Liev Tolstói*? A iminência da queda do *Ser*, mas que antes de chegar ao *éctipo* e lá ficar aprisionado, busca no azul do céu a sua própria ascensão, sendo este também um exemplo prático do segundo princípio do serenista: *o de nunca se deixar abater*. O príncipe André não se deixou abater e ao conseguiu encontrar a serenidade, o que nos demonstra que a constante da queda pode ser seguida da constante da ascensão (PIRES, 2008, p.35). Sobre este evento, assinala Herculano:

O príncipe André caiu no campo de Austerlitz, e da queda subiu para a serenidade no céu. Não fosse a queda continuaria a correr no campo de batalha, continuaria alienado na precipitação, distante da serenidade. Ao cair no solo, o príncipe caiu também em si mesmo, na sua ipseidade, e graças a esta, alçou-se do *éctipo* humano ao *arctipo* espiritual. A ipseidade é assim na espiral que se abre na individualidade para a conversão (PIRES, 2008, p. 35).

A descoberta do príncipe revela como somos ignorantes diante da serenidade, como também demonstra sua presença em nossa condição de *Ser* no mundo, abertos que somos à possibilidade de encontrar condições de nos asserenarmos, mesmo em momentos considerados mais extremos.

Em resumo, observamos no mito adâmico, na rebelião dos anjos, na filosofia de Plotino, na queda como pecado em Kierkegaard, na angústia em Sarte e no tombamento do príncipe André que *O Ser e a queda da Serenidade* pode ser compreendido como o pecado, a inquietude, a angústia e o desespero humano que podem ser superados. Quando o *Ser* se deixa abater afunda-se no *éctipo* da espiral da *ipseidade*, tornando aparentemente inútil qualquer possibilidade de ascensão ao *arctipo*, mas que, no entanto, a possibilidade de elevação existe, conforme pudemos observar na filosofia existencialista serena proposta por José Herculano Pires.

4 ELEVAÇÃO PARA A SERENIDADE

No tópico anterior discutimos sobre o Ser e sua queda da serenidade. A discussão a que nos propomos agora que é a *de elevação para a serenidade* não pode ser encarada simplesmente como um caminho reto e contrário a partir da queda em direção a ascensão, pois ela exige complexidade maior do que isso. Para tanto, recorramos ao conceito de *ipseidade* apresentado em *O Ser e a Serenidade*: “é a espiral que se abre no *éctipo* em direção ao *arctipo*” (PIRES, 2008, p. 19). Observemos nesta conceituação que o filósofo utiliza-se do termo “espiral”, o que nos remete a imaginarmos várias voltas em torno de um centro, podendo esta mesma espiral alternar de direção, podendo até mesmo girar para dentro de si ou para fora, como se fosse um redemoinho. Assim, o *éctipo* estaria no centro da espiral que representa a natureza primária do Ser, que partindo da queda percorre suas curvas em direção ao *arctipo* que é seu apogeu, ou seja, o seu estado de elevação serena (PIRES, 2008, p. 19).

A fim de melhor compreendermos essa complexidade de elevação, tomemos por exemplo o personagem *Rodion Românovitch Raskólnikov* do romance *Crime e Castigo* escrito e publicado em 1866 pelo escritor russo *Fiódor Dostoiévski*. A espiral da *ipseidade* ali se encontra e pode ser percebida, visto que as reflexões do jovem pobre da cidade de São Petersburgo o levam a alternar constantemente a direção entre as curvas da espiral enquanto se encontrava atormentado pela *teoria do homem grandioso* de sua época. É a espiral que gira alternadamente para dentro e para fora de seu Ser, ou seja, do *éctipo* ao *arctipo* e do *arctipo* ao *éctipo* durante sua perturbação. Isso acaba por afastá-lo cada vez mais de qualquer possibilidade de elevação serena e que apesar do desenrolar da história, podemos dizer que esta possibilidade em alguns momentos não deixa, no entanto de existir.

Mas o que pretendemos ao destacar esse exemplo encontrado na obra de *Dostoiévski*? Demonstrar que a partir dele podemos compreender que a *ipseidade* apresentada em Herculano constitui a direção tomada pelo Ser, que pode resultar em sua queda ou elevação serena, podendo essa mesma espiral rodar numa ou outra direção durante a existência, não sendo portanto algo simples elevar-se para a Serenidade e sim complexo. O personagem *Românovitch Raskólnikov* encontrava-se isolado do contexto social e natural, mais próximo do centro da espiral do que do seu apogeu, não conseguindo compreender que para atender as exigências de sermos grandiosos, extraordinários, o Ser precisa antes de tudo se elevar para um estado sereno só sendo

isso possível quando nos afastamos das exigências egocêntricas da existência terrena (PIRES, 2008, p. 20). *Raskólnikov* é a representação do *éctipo* enquanto condição do ser que permanece *em-si*, isolado do contexto social e natural. (PIRES, 2008, p.19).

Ao mencionarmos o personagem de *Crime e Castigo* objetivamos também demonstrar que mesmo estando isolado em seu egocentrismo, ele encontrava-se na espiral, pois pairava *acima das circunstâncias*, não fugia delas e tentava dominá-las. Isto pode ser percebido no momento em que medita sobre as circunstâncias antes de cometer o crime: “E o que é necessário, precisamente, é passar despercebido... Pormenores, insignificâncias, isso é o principal... Um detalhe destes pode colocar tudo a perder para sempre...”(DOSTOIÉVSKI, 2017, p.14).

Um caso análogo ao experimentado pelo jovem russo, também foi observado pelo educador francês *Allan Kardec* em seu *jornal de estudos psicológicos* do ano de 1867. Em seu estudo moral sobre as consequências do crime cometido pelo jovem operário *Jean Rizak*, observamos um Ser em pleno uso de sua razão e que também se colocava *acima das circunstâncias*, porém fechado em seu egocentrismo. *Jean Rizak* gastou indevidamente o pagamento da quinzena que deveria ter repassado a um companheiro de trabalho. Antes de ser descoberto e querendo evitar os aborrecimentos das investigações comete o crime contra o amigo cujo valor tinha roubado, lançando-se a partir daí ao *éctipo* da espiral, numa inútil tentativa de tentar levar uma existência serena ao longo de doze anos (KARDEC, 1993, p.242).

As exigências egocêntricas fecham o homem no isolamento, entretanto, na espiral da *ipseidade* o Ser não se aliena e nem fica alheio às circunstâncias na existência, visto que nela não há imediatamente nenhuma desintegração, seja ela psíquica, social ou ética (PIRES, 2008, p.41). Tanto o personagem criado por *Fiódor Dostoiévski*, quanto o operário *Jean Rizak* não se encontravam alienados na existência. Destacamos que nesses dois exemplos, mesmo a aparente serenidade e controle das circunstâncias os impossibilita de atingir a *arc-stase*, ou seja, o nível que na filosofia da serenidade de Herculano é definido como sendo o de uma elevação serena (PIRES, 2008, p.42)

A elevação serena, que corresponde a *arc-stase* é a situação natural do Ser que se elevou para a serenidade. Sobre esta condição, declara Herculano: “os grandes

místicos, artistas, filósofos, mártires, exemplificam essa condição humana incomum (PIRES, 2008, p. 42). Mas o que é essa condição humana incomum a qual se refere o filósofo? Observemos que se trata da condição em que o Ser vive por uma ideal, por um princípio, ou seja, por uma certeza. Permanecendo assim, o Ser consegue se manter no nível de *arc-stase*, *superando as circunstâncias* e conseqüentemente o meio em que vive, mesmo que não se afaste dele, mas percorrendo as curvas da espiral do *éctipo* ao *arctipo*, sendo esta a sua elevação serena (PIRES, 2008, p.42).

Em *Crime e Castigo*, o jovem *Românovitch Raskólnikov* tinha o desejo de viver pelo ideal de ser o homem extraordinário e grandioso. Nesse contexto, podemos nos questionar se o personagem atenderia a condição humana incomum necessária a elevação serena da *arc-stase*. Citando Herculano, encontramos que: “o princípio do eleva-te sempre às circunstâncias representa um condicionamento dinâmico, em oposição ao condicionamento estático da rotina” (PIRES, 2008, p.42). Sobre essa possível dúvida, argumentamos que a prática de um crime não pode ser encarada como um simples rompimento de um condicionamento estático de rotina, entretanto, ainda existiria a possibilidade de elevação antes dele, pois a queda do Ser no *éctipo* ainda não teria se verificado. Atentemos que o terceiro princípio do serenista convida o Ser ao processo de elevação serena pela *arc-stase*, conduzindo-o da condição estática para a dinâmica ao opor-se as circunstâncias rotineiras. Ao praticar um crime, o Ser evidentemente não atende as exigências para elevar-se, pelo contrário, se afasta da elevação serena e se precipita no *éctipo* do redemoinho, estando impossibilitado por tempo indeterminado de qualquer tentativa de redenção.

Em resumo, ao discutirmos a *Elevação para a Serenidade* objetivamos demonstrar que por este processo o Ser pode ser conduzido a uma *arc-stase* do espírito, uma posição assumida pelo homem diante do tumulto do mundo, sem nenhuma finalidade específica, a não ser a de manter-se senhor de si mesmo (PIRES, 2008, p.42). Se para fazê-lo partimos de casos extremos, foi simplesmente por fins didáticos com o objetivo de melhor demonstra a complexidade do processo. Foi por esse motivo que, *Românovitch Raskólnikov* e *Jean Rizak* tornaram-se ótimos exemplos para desenvolver essa discussão, pois encontravam-se mais próximos do *éctipo* da espiral e distantes do *arctipo* no processo de elevação, portanto distantes da serenidade e de senti-la em sua *essência*. É assim que o princípio de *elevar-se acima das circunstâncias*, quando

captado pelo Ser do homem que leve uma vida menos perturbada e mais justa poderá ser melhor aproveitado, elevando-o pelas das curvas do redemoinho rumo a serenidade desejada. Como afirma Herculano: “Desfazer-se do éctipo é o fazer natural do Ser que se lança na ipseidade” (PIRES, 2008, p139).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa discussão acerca da temática do Ser e da serenidade em José Herculano Pires, percebemos que ao propor uma filosofia da interexistência e da serenidade, o filósofo natural de Avaré quis demonstrar que a relação do Ser com o mundo pode deixar de ser apenas conflito, para se tornar harmonia e de alguma sorte esperança. Quanto a nossa pergunta inicial sobre “como é o Ser sereno no mundo?”, concluímos que é aquele que vive e sobrevive nas curvas imprevisíveis do *éctipo* ao *arctipo*, nos redemoinhos da vida, mesmo sem delas tomar conhecimento durante a existência e ainda assim, de alguma forma consegue elevar-se em *arc-stase*, sem se aperceber ou até mesmo se preocupar pelo caminho, mas a todo instante mantendo de alguma forma sua serenidade. Sendo assim, a busca da serenidade na obra de Herculano Pires não é uma evasão da realidade e muito menos um escapismo ético do homem antes os grandes problemas existenciais e sociais. Ela representa uma atitude frente ao mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo*. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

DREYFUS, Hubert L. & WRATHALL, Mark A. *Fenomenologia e Existencialismo*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. - São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HEIDEGGER, Martin . *O Acontecimento Apropriativo*. Tradução de Marco Antônio Casanova. - Rio de Janeiro: Forense, 2013.

_____. *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica*. Mundo.Finitude. Solidão. Tradução de Marco Antônio Casanova. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1989a.

_____. *Que é Metafísica?* Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1989b. (Os Pensadores).

KARDEC, Allan. *Revista Espírita 1867: Jornal de Estudos Psicológicos*. Tradução de Salvador Gentile/ Revisão de Elias Barbosa – São Paulo: IDE,1993.

KIERKEGAARD, Soren. *The Concept of Anxiety: a Simple Psychologically Orienting Deliberation on The Dogmatic Issue of Heredity Sin*. Princeton, NJ.: Princeton University Press, 1980.

PIRES, José Herculano. *Introdução a Filosofia Espírita*. São Paulo/SP: Ed. Paideia, 2015.

_____. *O Espírito e o Tempo*. São Paulo/SP: Ed. Paideia, 2009.

_____. *Os Filósofos*. São Paulo/SP: Ed. Paideia, 2010.

_____. *O SER e a Serenidade: Ensaio de ontologia interexistencial*. São Paulo/SP: Ed. Paidéia, 2008.

SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo e o Humanismo*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis/RJ. Ed. Vozes, 2012.

_____. *O Ser e o Nada*. - Ensaio de Ontologia Fenomenológica.